

JOGOS TRADICIONAIS: EXPERIMENTAÇÃO DE DIFERENTES LÓGICAS, FORMAS DE SER E CONHECER

Ana Cristina Zimmermann¹

RESUMO

Neste artigo destacamos a condição dialógica do jogar, pautada na corporeidade, para refletirmos sobre os Jogos Tradicionais e sua potência para nos anunciar diferentes possibilidades de sermos humanos junto aos outros seres. A disponibilidade de estabelecer relações com a incerteza ao jogar promove oportunidades de encontro, desafio e diálogo. A reflexão se organiza a partir da fenomenologia nos estudos do corpo, passando pelo referencial decolonial. O texto apresenta elementos para pensar a dimensão corporal e a presença do diálogo no jogar, para em seguida aprofundar questões acerca da diversidade e da riqueza cultural encontradas nos Jogos Tradicionais. Por fim, apresenta algumas reflexões sobre a presença dos Jogos Tradicionais na educação, como forma de representatividade cultural e decolonização do conhecimento. É possível propor que diferentes jogos promovem um encontro cultural, o contato com diferentes cosmologias e, para além, explicitam um movimento anterior à própria cultura.

Palavras-chave: Jogos Tradicionais. Diálogo. Diversidade.

ABSTRACT

In this article, we highlight the dialogic condition of playing, based on corporeality, to reflect on Traditional Games and their potential to announce different possibilities of being human with other beings. The willingness to establish relationships with uncertainty when playing promotes opportunities for encounter, challenge and dialogue. The reflection is organized from the phenomenology in studies of the body, passing through the decolonial framework. The text presents elements to think about the corporal dimension and the presence of dialogue in the game, deepening questions about the diversity and cultural richness found in Traditional

¹ Professora na Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo. Tem doutorado em Educação, com pesquisas sobre jogo, jogos tradicionais, esportes de aventura e cinema, com ênfase nas dimensões socioculturais e filosóficas do movimentar-se. Integrante do Ad Hoc Advisory Committee on the Safeguarding and Promotion of Traditional Sports and Games da Unesco. E-mail: ana.zimmermann@usp.br.

Games. Finally, it presents some reflections on the presence of Traditional Games in education as a form of cultural representation and decolonization of knowledge. It is possible to propose that different games promote a cultural encounter, contact with different cosmologies, and beyond that, exhibit a movement prior to culture itself.

Keywords: Traditional Games. Dialogue. Diversity.

Ao lado de uma língua que nos faça ser mundo, deve coexistir uma outra que nos faça sair do mundo. De um lado, um idioma que nos crie raiz e lugar. Do outro, um idioma que nos faça ser asa e viagem. Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade. (COUTO, 2011, p. 24.)

INTRODUÇÃO

“É só um jogo.” Mas jogar mobiliza um universo. Em *Homo ludens* (1996), um clássico da história cultural publicado em 1938, o historiador holandês Johan Huizinga analisa a presença do jogo em diferentes esferas da cultura, sugerindo que o jogar não é apenas uma manifestação cultural, mas também mais antigo que a própria cultura. O autor descreve o jogo como uma atividade autotélica guiada por regras aceitas livremente dentro de limites de espaço e tempo, sob uma atmosfera de tensão, alegria e consciência de que se trata de uma situação diferente da vida cotidiana. Gadamer (1985) também reconhece no jogar elementos constitutivos do ser humano, e ambos os autores identificam as aproximações entre o jogo, a festa e a esfera do sagrado.

O jogo está presente em todas as culturas, sob diferentes formatos, mas sempre se faz convite e provocação. Trata-se de um fenômeno sociocultural com significados profundos e, para além de uma perspectiva cultural, expõe desejos e potências. É necessária uma imersão em seu universo para torná-lo possível, e com este engajamento pode suscitar sentimentos opostos, tais como alegria e tristeza, fúria e serenidade, com a mesma intensidade. Silvino Santin (1994) fala sobre uma demiurgia associada à sensibilidade lúdica. O jogar requisita a partilha de uma gestualidade técnica, mas também uma forma de deixar-se levar em meio aos desafios, oferecendo a possibilidade da criação.

A provocação do jogo ultrapassa os prazeres e as tensões de sua fruição e agita também nossa curiosidade acadêmica (ZIMMERMANN, 2013,

2014; ZIMMERMANN; MORGAN, 2011; ZIMMERMANN; SAURA, 2014, 2017). Muitos são os estudos e as abordagens sobre o tema, mas, independente da perspectiva, é possível sugerir que o jogo não se deixa apanhar por definições. Falar sobre o jogo é também jogar com inúmeras possibilidades de reflexão. As questões que despertam atenção também dizem de uma determinada época, de um contexto sociocultural. O que nos indica o interesse crescente pelo jogo? O que nos ensina o jogar? E o que nos chama nos jogos tradicionais? Submeter-se à ordem do jogo com outras pessoas, incluindo aquelas de origens culturais diferentes, sob as mesmas regras, sugere disponibilidade para o encontro com o outro, como parceiro ou semelhante, pelo menos sob tais circunstâncias específicas. Mais ainda, submeter-se a diferentes jogos ou formas de jogar cria a possibilidade de reconhecer-se ou torna-se outro. Neste artigo refletimos sobre os Jogos Tradicionais e sua potência para anunciar diferentes possibilidades de sermos humanos junto aos outros seres, destacando sobretudo a condição dialógica do jogar, pautada na corporeidade (ZIMMERMANN; MORGAN, 2011).

A reflexão se estabelece a partir da fenomenologia, nos estudos do corpo, passando pelo referencial decolonial ao pensarmos os jogos tradicionais. Inicialmente o texto apresenta elementos que nos auxiliam a compreender a relação entre a dimensão corporal e a presença do diálogo no jogar. Em seguida buscamos aprofundar questões acerca da diversidade e da riqueza cultural encontrada nos Jogos Tradicionais. Por fim, apresentamos algumas reflexões sobre a presença dos Jogos Tradicionais na educação, como forma de representatividade cultural e decolonização do conhecimento. É possível propor que os Jogos Tradicionais promovem um encontro cultural, a imersão em diferentes lógicas e cosmologias e, para além, explicitam um movimento anterior à própria cultura que pode ser a origem para diferentes sensibilidades.

JOGAR: A DIMENSÃO CORPORAL E O DIÁLOGO

Durante o jogo, nos movemos entre referências conhecidas oriundas de um horizonte de passado e as incertezas de um futuro que está sempre se anunciando (ibidem). É o corpo que celebra este encontro. O antropólogo Marcel Mauss (1974) chama a atenção para a inscrição cultural no uso do corpo, ao descrever, por exemplo, as diferenças nas técnicas corporais elementares e esportivas de soldados ingleses e franceses durante a Primeira Guerra Mundial. Nesse texto, publicado em 1936, ele convida as ciências sociais a olharem para o corpo, ao argumentar que fisiologia

e psicologia não bastam para explicar o gesto humano, pois “é preciso também conhecer as tradições que o impõem” (MAUSS, 1974, p. 221). Os olhares ao corpo são ampliados, entretanto, mesmo sob a perspectiva da cultura, o movimento humano não está submetido a explicações lineares de causa e efeito. Parece suscitar algo anterior à própria cultura e com ela dialogar. Na perspectiva do filósofo Merleau-Ponty (1994), quando um gesto se configura, natureza e cultura se entrelaçam. Tal perspectiva considera o movimento humano como um acontecimento relacional. Neste sentido, o gesto realizado em jogo reúne técnica e expressão, tradição e novidade (ZIMMERMANN; MORGAN, 2011).

Nos estudos da percepção, Merleau-Ponty (1994) descreve a dimensão corporal como fonte primeira de sentido. O filósofo sugere que o corpo se organiza e se reconhece no espaço por meio de um engajamento efetivo com o mundo. Essa inerente relação com o mundo se dá pela percepção, como algo que se merece pelo exercício. Ou seja, em nossas relações cotidianas exercitamos uma forma de ouvir, de olhar, e sobretudo de sentir-se mundo. A percepção é assim um modo de nos relacionarmos com os seres e com presença das coisas. Uma mudança de perspectiva exige, portanto, exercício. Uma nova forma de ver o mundo, por exemplo, pode ser elaborada corporalmente. Assim, Merleau-Ponty (1994) descreve como as experiências de tempo e espaço são orientadas de forma relacional. Habitamos tempo e espaço e habitar significa incorporar, no sentido de estender a corporeidade.

Jogar é uma experiência exemplar que nos permite reconhecer a forma como vivemos o tempo. Em jogo, compreendemos que o tempo vivido é muito diferente do tempo cronológico, representado pelo relógio. Nas tarefas cotidianas, no trabalho e também nos esportes de alto rendimento, o tempo cronometrado e a obsessão por medir e maximizar resultados impõem ritmos artificiais de vida em níveis extremos. Estas circunstâncias apenas refletem nosso afastamento de uma temporalidade viva e a substituição por uma periodicidade externa e mecânica.

Da mesma forma, em relação ao espaço, estabelecemos relações que extrapolam os dados objetivos de distância. O esquema corporal, como proposto por Merleau-Ponty (1994), indica uma espacialidade de “situação” em vez de “posição”. Uma espacialidade que nos integra ativamente “como postura em vista de uma tarefa atual ou possível” (p. 146). O espaço vivido, espaço que incorporamos e ao qual atribuímos significados orientados pela nossa experiência, é muito diferente do espaço objetivo.

Sob a atmosfera do jogo, também os conflitos são reposicionados em outros termos e exercitamos diferentes maneiras de enfrentar desafios.

Assim, a intensidade do encontro provocado cria inúmeras oportunidades de aprendizagem que vão além dos elementos culturais compartilhados. Ou seja, ao jogar exercitamos diferentes formas de viver o tempo e o espaço, e de nos relacionarmos com as diferenças, com nossas potências e limitações.

O movimentar-se, e mais especialmente o jogar, sob esta perspectiva, revelam uma motricidade que se apresenta de forma dialógica. Para jogarmos deslocamos nossa corporeidade em direção ao jogo, mas também nos permitimos ser conduzidos pelo fluxo dos movimentos. Assim experimentamos uma “espontaneidade ensinante” que nos permite explorar esse movimento de perceber-se sujeito e também sentir-se conduzido. As provocações do jogo orientam nossos gestos, requisitando referências do passado e sugerindo novas elaborações. Esse desafio revela o pertencimento a uma comunidade intercorporal que promove o diálogo e provoca o engajamento. Hyland (1977) sugere que a experiência de imersão é propiciada pela receptividade e pela abertura ao jogo. Quando jogamos é necessário deslocar total atenção à conexão com o meio e com os outros seres. É preciso estar presente. A presença está relacionada à possibilidade de descobrir-se enquanto experiência. E, de acordo com Larrosa Bondía (2014, p. 26), “o sujeito da experiência é um sujeito ‘ex-posto’”. Esta exposição implica em risco e vulnerabilidade. Assim, somos absorvidas pela dinâmica das relações e provocadas a apresentar o melhor que podemos ser. Esse comprometimento que nos ensina o jogar também nos convida a repensar relações. Outras corporeidades podem se apresentar como obstáculo, como instrumento ou como autêntica oportunidade de diálogo e realização mútua. Todo jogo é uma forma de coexistência intensa com o meio, com outros seres, com a cultura, consigo e possíveis outros de si mesmo (ZIMMERMANN; MORGAN, 2011).

No âmbito das práticas corporais, existem estudos potentes que sinalizam um conhecimento sensível do corpo sob a perspectiva da fenomenologia. Esse entendimento se aproxima daquilo que as comunidades tradicionais têm lutado para preservar: o tempo da experiência sensível, necessário para qualquer relação de alteridade. Tal perspectiva não é, portanto, uma novidade descoberta pela filosofia ocidental, como salienta Irobi.

Devemos ter em mente que toda tradição de representação ritual e cerimonial africana, com toda sua música, dança, linguagem de percussão, arquitetura, canções, espetáculos, configurações espaciais, coreografias e máscaras, sempre foram fenomenologicamente transmitidas de geração a geração. Antes e depois da escravidão, estas transmissões foram

veiculadas por meio da inteligência do corpo humano ao invés de vídeos, filmes ou letramentos tipográficos (IROBI, 2012, p. 275.)

A dimensão corporal, negligenciada pelo modelo hegemônico de civilização ocidental, tem sido central em muitas outras culturas, dentre estas as afro-brasileiras e as indígenas. Nestas culturas, a oralidade e, de modo amplo, a corporeidade são fundamentais no processo de elaboração de saberes e conhecimento. Esta dimensão corporal ocupa posição central nos estudos sobre o jogar.

Ao jogar reafirmamos uma abertura ao outro e à incerteza, entretanto de que outro falamos? É nesse momento que os jogos tradicionais nos auxiliam a avançar um pouco mais nas reflexões sobre o jogar. Quais são os desafios que nossa sociedade valoriza? Quais são as formas de jogar que reconhecemos? Que jogos acessamos?

OS JOGOS TRADICIONAIS: DIVERSIDADE E RIQUEZA CULTURAL

Silvino Santin (1994, p. 10) inicia suas reflexões sobre o significado de ser humano e a relação com a ludicidade fazendo uma provocação: “Haverá um único modelo de existência humana?”. O líder indígena, pesquisador e ambientalista Ailton Krenak responde muito bem esta questão ao mencionar a vaidade desta humanidade que pensamos ser: “Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa nossa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo, somos parte do todo” (KRENAK, 2019, p. 15). É fundamental destacar os povos subjugados pela colonização cuja ancestralidade, memória, oralidade e ritualidade estão encarnadas em um rico acervo de danças, cantos, celebrações, religiosidade, formas de ser e estar no mundo (ABIB; SILVA, 2020). Também os jogos que conhecemos não são os únicos interessantes.

Os jogos tradicionais, particularmente, evidenciam reminiscências de um passado que permanece como um patrimônio daqueles que jogam, indicando elementos de diferentes culturas que falam também de nossa humanidade. Frente aos inúmeros desafios socioculturais e ambientais da atualidade e à necessidade urgente de nos repensarmos, estas manifestações têm recebido crescente atenção de diferentes organizações, entre elas a Unesco:

Os jogos tradicionais são atividades motoras de lazer e recreação que podem ter um caráter ritual. Eles fazem parte da diversidade do patrimônio universal. São praticados de forma individual ou coletiva, oriundos da identidade regional ou local; eles são baseados em regras aceitas pelo grupo que organiza atividades competitivas ou não competitivas. Os jogos tradicionais dispõem de um caráter popular em sua prática e em sua organização, mas se transformados em esporte tendem a ser uniformizados e institucionalizados. A prática de jogos tradicionais promove a saúde global. (UNESCO, 2009.)

Ao mencionarmos os jogos tradicionais nos referimos tanto àqueles representantes de comunidades tradicionais específicas, como os jogos de comunidades indígenas, quanto a jogos presentes em diferentes culturas ao longo da história da humanidade e identificados pelas similaridades, tais como empinar pipa, jogar bola de gude, pular corda. Estes jogos carregam características culturais de forma mais ou menos aparente. Por exemplo, quando falamos da capoeira (SAURA; BARREIRA; ZIMMERMANN, 2020) fica evidente sua relação histórica com a cultura e resistência afro-brasileira. Quando falamos de pular corda ou empinar pipa, dificilmente identificamos uma origem específica, entretanto, suas estruturas carregam resquícios de diferentes formas de organização, de relacionamento, de viver tempo e espaço característicos de cosmologias tradicionais. A circularidade, por exemplo, está presente tanto na organização temporal quanto espacial de muitas das manifestações lúdicas. Diferentes tradições nos mostram que existem diferentes formas de agir e colocar-se em jogo. Por outro lado, também nos mostram uma humanidade que atravessa culturas e nos aproxima.

Conforme mencionado, ao jogar experimentamos diferentes lógicas de viver o tempo, o espaço, o ritmo, os relacionamentos, os acordos. Os jogos tradicionais trazem consigo formas de compreender e reorganizar o mundo muito diferentes de uma cultura ocidental hegemônica individualista e competitiva. As regras são também elementos que se oferecem à reflexão. Neste caso, não falamos de regras universais, mas daquelas construídas e acordadas pelo grupo que joga, podendo ser modificadas em função de especificidades culturais, geográficas, entre outras. É comum identificarmos jogos similares, com nomes diferentes, e a cada encontro é necessário discutir sobre as regras antes de jogar. Não tendo regras rígidas universais, é impossível a comparação objetiva de resultados ou o estabelecimento de recordes. E por que estas comparações e registros seriam necessárias? Curiosamente, a diferença fomenta o diálogo. “Lá onde eu moro é assim... tem outro nome, se faz deste jeito.” Reconhecemos a existência de outros

lugares e outros jogos possíveis. Este é também um diálogo geracional: “no meu tempo era assim...”, e mesmo com algumas diferenças, os jogos se repetem em grupos que não precisam ser separados por idade, gênero ou tamanho, pois estes encontros são fundamentais para a renovação da tradição.

Aprender e participar de um jogo com origens indígenas, por exemplo, respeitadas as suas características fundamentais, significa nos posicionarmos mais próximos destas culturas. Uma experiência imersiva talvez nos auxilie a compreender melhor diferentes perspectivas. Assim, é fundamental, neste movimento de aproximação, valorizar a dimensão da experiência, menosprezada nos modos de racionalidade dominantes. Nas palavras de Larrosa (2014, p. 40), dignificar a experiência significa reconhecer “a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida”. O autor enuncia algumas precauções no uso da palavra experiência que consideramos relevantes ao pensarmos os jogos tradicionais, das quais destaco duas. O primeiro cuidado é distanciá-la da noção de experimento, evitando a coisificação, a homogeneização, o tornar previsível e fabricável. E esta é uma atenção especial à pedagogia e às pretensões educacionais. Outro cuidado importante é não confundir experiência com prática. Isso significa compreender a experiência a partir da paixão e não da ação. O sujeito da experiência é um sujeito “passional, receptivo, aberto, exposto” (ibidem, p. 42). Recuperamos aqui a ideia de “espontaneidade ensinante”, mencionada anteriormente acerca do diálogo. Esta postura não indica passividade, mas manter

esse princípio de receptividade, de abertura, de disponibilidade, esse princípio de paixão, que é o que faz com que, na experiência, o que se descobre é a própria fragilidade, a própria vulnerabilidade, a própria ignorância, a própria impotência, o que repetidamente escapa ao nosso saber, ao nosso poder e à nossa vontade. (Ibidem.)

Então, entre outros elementos, o que aproxima o jogo da experiência não é a ideia de ação, mas de paixão, bem como a vulnerabilidade. O que pode causar estranhamento em relação aos jogos tradicionais são as diferentes formas de perceber e pensar o mundo. E, neste caso, é importante que a abertura se dê tanto no reconhecimento de diferentes culturas e modos de agir como na disponibilidade ao estranhamento.

Ao “fazer de novo”, de maneira expressiva, retomamos aquilo que consideramos relevante de nosso passado, renovando a tradição. Mas também

podemos ser afetadas e renovadas. A tradição não é, portanto, um conjunto de memórias ou conhecimentos cristalizados e repetidos mecanicamente, mas uma forma de ordenamento que permite o reconhecimento de uma familiaridade mesmo na presença de diferentes elementos. Moosa (2009) associa tradição a um estado de espírito, ou, “melhor dizendo, poderia afirmar-se que a tradição é a auto-inteligibilidade do passado no presente; uma inteligibilidade ou estado de existência em constante evolução e mudança” (ibidem, p. 272). Tradição é muito mais do que identidade e história, “é tudo isso e mais ainda: o elemento adicional permanece por definir, mas implica todas as coisas que produzem em nós o sentimento de pertença” (ibidem, p. 275). As tradições são sobretudo expressas corporalmente, nas vivências, nas falas, indicando pertencimento a um sistema específico de relações.

Esse caráter de pertencimento, potência e renovação presente na noção de tradição é destacado por muitos autores. Carvalho (2002, p. 12) lembra que “tanto a língua como os costumes de um povo são tradições públicas, herdadas, transmitidas e cultivadas no próprio convívio social”. Podemos ampliar esta definição incluindo os jogos como “tradição pública”, como um “saber de um povo”. Assim, os jogos remetem a um legado cultural a ser cultivado por participação.

Krenak questiona o projeto de colonização orientado por uma racionalidade que sustenta a alienação em relação à natureza, ao passado, aos coletivos: “Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, da existência e de hábitos” (KRENAK, 2019, p. 12). Sob a perspectiva das epistemologias do Sul, “esta negação da diversidade das formas de perceber e explicar o mundo é um elemento constitutivo e constante do colonialismo” (MENESES, 2009, p. 181). Krenak fala em defesa de uma cosmovisão dos povos originários na qual a diversidade e a integração entre os diversos seres da natureza conferem sentido à vida. Esta é uma perspectiva muito diferente da ocidental hegemônica, que compreende natureza como recurso a ser utilizado e transforma vida em objeto de consumo, orientando assim desejos e imaginários coletivos. Para Krenak (2019, p. 33), é preciso uma ruptura na perspectiva antropocêntrica: “Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como ‘natureza’, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela”. Krenak (2018) evoca a potência do sujeito coletivo para recuperar e construir outras formas de viver em comunidade, reproduzir vida e cultura.

O movimento pela decolonização do conhecimento busca recuperar saberes e conhecimentos advindos de humanidades negligenciadas, recolocando-os no cenário dos saberes públicos que precisam ser compartilhados.

Sob esta perspectiva, as epistemologias do Sul (SANTOS, 2019) apontam para os saberes tradicionais, orais, perceptivos, e para a primazia dos sentidos na produção de saberes, denunciando a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica hegemônica. Os Jogos Tradicionais compõem parte deste repertório disponível para o diálogo, também como uma forma de resistência.

Em pesquisas sobre os jogos oriundos de comunidades tradicionais, percebemos também que valores fundamentais de cuidado estão em evidência nestas práticas corporais (ZIMMERMANN; SAURA, 2014; SAURA; MATTA; ZIMMERMANN, 2018). Muitos destes jogos tradicionais organizam-se sob princípios de coletividade, de aproximação entre gerações, valorização da diversidade, integração e respeito ao ambiente. Essas perspectivas mostram possibilidades de ser com os outros de maneira distinta da valorização do mérito individual, da padronização, da exclusão e consumo presentes em muitas das manifestações hegemônicas da cultura do movimento.

Portanto, a atenção aos jogos tradicionais remete a uma dimensão ética que se aproxima da perspectiva da ética do cuidado. Esta perspectiva sustenta a concepção de pessoas como relacionais e interdependentes moral e epistemologicamente, e não como indivíduos independentes e autosuficientes (HELD, 2006). Trata-se de uma ética fortemente influenciada pelo feminismo e que não se enquadra nas categorias tradicionais da filosofia, pois questiona a noção de universalidade e amplia as fronteiras convencionais da discussão (DESAUTELS; WAUGH, 2001). Para além dos princípios de igualdade e individualidade, as decisões estão baseadas no bem comum, como em muitas comunidades tradicionais.

Vivemos momentos difíceis da nossa história, considerando as ameaças constantes aos direitos humanos, a culturas diversas e à preservação da vida de modo geral (ZIMMERMANN; SAURA, 2020). Os encontros do jogar são transgressores quando distantes da ótica da instrumentalização e utilidade (KRENAK, 2020), com temporalidades e espacialidades diversas, propondo desafios e acolhendo o conflito, gerando riso e alegria. Jogos que se dão na terra, na areia, na água, dentro das casas, nos pátios, sobre os telhados, à sombra das árvores, e não apenas dentro de arenas padronizadas ou quadras poliesportivas, contestam as lógicas de consumo e padronização da vida. Sob esta perspectiva, os jogos tradicionais não são uma solução para os problemas sociais contemporâneos, mas nos mostram outros mundos e podem suscitar questionamentos sobre a origem de alguns destes problemas.

Ao refletir sobre suas ideias para adiar o fim do mundo, Krenak (2019) menciona o cantar e o dançar como formas de suspender o céu e ampliar nosso horizonte. Esses encontros, tais como o próprio jogo, são também formas de celebrarmos a vida, o prazer de estarmos juntos e enriquecermos nossas subjetividades. Mas é preciso jogar. Cada movimento desencadeia um convite à próxima jogada. No “fazer de novo” a tradição se renova, deixa sua marca e se atualiza. Assim, o jogo retoma o caráter circular de nossa existência. Como sugere ironicamente o poeta Mário Quintana: “O passado não reconhece seu lugar, está sempre presente”. E que fazemos com essas heranças? Quais são nossas escolhas para viver o presente?

OS JOGOS TRADICIONAIS NA EDUCAÇÃO: REPRESENTATIVIDADE CULTURAL E DECOLONIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A partir de elementos decorrentes dos estudos acerca do jogar, enfatizamos o reconhecimento da dimensão corporal no contexto educacional como ponto central das relações com os outros seres e o movimentar-se como potência para uma relação dialógica que articula cultura e aprendizagem. O universo dos Jogos Tradicionais reforça a diversidade cultural que pode ser acessada como tradição pública valiosa nos ambientes de ensino formal e não formal. Na educação básica, a valorização e o respeito às diferenças culturais que constituem o vasto patrimônio de saberes e conhecimentos podem nos auxiliar a repensar a própria estrutura e organização escolar, evidenciando a centralidade da corporeidade nas relações de aprendizagem. Da mesma forma, a presença em outros ambientes de lazer e ensino confere riqueza às possibilidades de interação, bem como representatividade a diferentes grupos sociais. Ao evocarmos jogos variados, reconhecemos sua importância na composição cultural de nossa sociedade, bem como as contribuições de diferentes formas de interagir no mundo.

Com olhar cuidadoso, Renson (2014) aponta algumas ameaças aos jogos tradicionais: modernização, (neo)colonização e globalização. O autor defende a ludodiversidade como uma forma de esperança e reação à monocultura globalizada do esporte. Renson (2014) desenvolve seu argumento partindo da noção de biodiversidade e sustenta que a monocultura significa também a destruição de diferentes formas de vida humana. Alvo das críticas, o esporte compreende uma manifestação vinculada à modernidade ocidental, carregando consigo muitos valores e características a ela associados.

O termo esporte tem sua presença marcante no uso cotidiano e em processos comunicativos, designando, no linguajar corrente, um amplo

conjunto de práticas corporais. Este sentido ampliado da palavra esporte também se aproxima da compreensão presente em muitos órgãos internacionais, tais como a Unesco. No referencial europeu, de modo geral, o termo *sport* (da língua inglesa) pode incluir jogo, recreação, divertimento, atividade física e exercício. Sob esta perspectiva, a Organização das Nações Unidas (UNESCO, 2016) considera o esporte como um direito de todas as pessoas, articulado aos objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável como um meio de promoção da educação, saúde, inclusão social e paz. Em seus documentos, a ONU adota uma definição ampla de esporte ao incluir todas as formas de atividade física que contribuem para a aptidão física, bem-estar mental e interação social, como jogos, recreação, esporte organizado, informal ou competitivo, e jogos e esportes indígenas. A depender das propostas, entende-se que a promoção do esporte pode favorecer a tolerância e o respeito entre as pessoas e o empoderamento de grupos desfavorecidos historicamente e comunidades tradicionais, ao valorizar o aspecto cultural, identitário e histórico de manifestações corporais. Estas práticas podem adquirir diferentes sentidos, realizadas no contexto do alto rendimento, do lazer, da educação e da saúde (ONU, 2003, 2014). Entretanto, apesar da possível amplitude em relação ao uso do termo, a própria Unesco apresenta uma definição específica para os Jogos Tradicionais, como mencionado na seção anterior, evidenciando que estes, quando “transformados em esporte tendem a ser uniformizados e institucionalizados”. Ou seja, os jogos tradicionais têm especificidades que os distanciam do esporte moderno. Renson (2014) considera etnocêntrico o uso da palavra esporte em seu sentido amplo e defende a expressão “cultura do movimento” para referir-se à diversidade de manifestações: “Impor o conceito atual de esporte a períodos anteriores ou a outras culturas não ocidentais pode ser visto, por um lado, como uma forma de anacronismo e, por outro, como forma de imperialismo cultural” (p. 139).

No contexto brasileiro, tanto no âmbito da Educação Física escolar quanto na produção acadêmica da área, adota-se a noção estrita do termo esporte. Este refere-se às práticas institucionalizadas e universalizadas por organizações esportivas, regidas por um conjunto de regras formais e orientadas pela comparação de um determinado desempenho entre indivíduos ou grupos (BRASIL, 2018). No escopo educacional, o esporte compõe apenas uma das possibilidades temáticas, diferenciando-se de outras manifestações tais como brincadeiras e jogos, ginásticas, danças, lutas, práticas corporais de aventura. Infelizmente o esporte, sob este sentido estrito, tem sido apontado em diversas pesquisas como o conteúdo hegemônico da Educação Física escolar, restringindo a diversidade de possibilidades apontadas pelos documentos que orientam a educação nacional (PNUD,

2017; BETTI; MAFFEI; SO; USHINOHAMA, 2015). Kunz (1998) ressalta que tanto a sobrepujança como as comparações objetivas são princípios do esporte de rendimento que infelizmente orientam também a Educação Física escolar, levando à padronização e normatização.

Assim, mesmo frente à possibilidade de jogos e outras manifestações variadas da cultura de movimento, muitas situações escolares são organizadas sob as referências esportivas. Mesmo em outros conteúdos, tais como danças, lutas e jogos, observa-se um fenômeno denominado “esportivização”, ou seja, a transformação da estrutura destas manifestações de maneira a se tornarem similares ao esporte. Esta transformação lembra a noção de colonialidade do poder, apresentada pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005), como uma forma de invasão do modelo colonizador europeu no imaginário e no universo de relações e produções simbólicas para reprodução da dominação. Além da hegemonia de alguns esportes que por si não representam a riqueza do fenômeno esportivo — nomeadamente o quarteto fantástico do futebol, voleibol, basquetebol e handebol —, as formas de vivenciar as demais manifestações da cultura do movimento são empobrecidas, reforçando valores presentes em nossa sociedade contemporânea. Ainda assim, os esportes guardam resquícios de suas origens lúdicas e podem proporcionar experiências riquíssimas. Mas é fácil perceber que sua hegemonia dificulta o acesso à diversidade, no que diz respeito à cultura do movimento no âmbito escolar.

Outra questão importante de mencionar acerca do ensino básico no Brasil refere-se à lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (BRASIL, 2008). Esta lei altera a Lei nº 9.394, de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação nacional e torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Tais conteúdos devem ser ministrados no âmbito de todo o currículo escolar. Entretanto, têm sido notórios os desafios encontrados por docentes, gestores e coordenações pedagógicas na implementação deste referencial sociocultural. Os Jogos Tradicionais estão inclusos no vasto patrimônio de cultura imaterial do Brasil, porém ainda não completamente identificados e reconhecidos pelos sistemas de ensino. É possível identificar facilmente a potência educacional destes jogos que preservam elementos estruturantes da humanidade, dialogam com comunidades tradicionais e realidades locais, se reinventam mantendo em sua estrutura o diálogo com a tradição (MARIN; GOMES-DA-SILVA, 2016; SAURA; ZIMMERMANN, 2021). Estas manifestações representam uma mudança radical de perspectiva em relação ao esporte moderno. Assim, a Educação Física, ao dialogar com os jogos tradicionais, tanto no âmbito de ensino formal como não-formal, pode potencializar

experiências diversificadas e inclusivas, bem como fortalecer propostas decoloniais.

Entretanto, é fundamental a compreensão destas manifestações em toda a sua plenitude, a fim de manter o respeito às suas tradições e evitar a instrumentalização ou, ainda, a esportivização sob os moldes da cultura hegemônica ocidental. Assim, em respeito à herança cultural e às diferentes cosmologias às quais possam estar associados, não basta incluir jogos em um currículo como a inserir objetos em caixas pré-fabricadas. A inserção de diferentes saberes e conhecimentos deve provocar a reformulação curricular respeitando formas de compreender o mundo e de estabelecer relações entre os seres. Portanto, acreditamos na potência dos Jogos Tradicionais para repensarmos currículos, propostas de ensino e estruturas organizacionais, considerando a corporeidade como referência para experiências diversas de tempo, espaço, aprendizagem e, de forma ampliada, o diálogo entre referências culturais.

REFLEXÕES FINAIS

Jogar sugere a prontidão para encontros e desafios. Indica também uma aproximação orientada pela paixão. Exige presença, imersão e abertura ao diálogo. Estes são elementos preciosos para experimentarmos a intensidade da vida e alimentarmos o sentido de viver em sociedade. Nossa vulnerabilidade, bem como nossa força, está na forma como estabelecemos relações uns com os outros, com outros seres, com nosso passado e expectativas de futuro.

Como Saura, Matta e Zimmermann (2018) mostram, há um crescente reconhecimento da importância dos jogos tradicionais na sustentação do patrimônio cultural, o empoderamento das comunidades tradicionais, a sustentabilidade ambiental e o reconhecimento da humanidade presente em todas as culturas. Não podemos afirmar que os jogos são caminhos diretos para o respeito à diferença em um mundo pacífico. A instrumentalização pedagógica e comercial em algumas esferas empobrece a experiência e traz consequências incoerentes com os pressupostos dos próprios jogos. No entanto, acreditamos que estas manifestações fornecem oportunidades poderosas para o encontro, condição necessária para o diálogo. Jogar também nos auxilia a restituir a esfera da presença e a imersão em temporalidades e espacialidades mais orgânicas, disponíveis nos jogos tradicionais. Este diálogo, de ordem corporal, poderá sustentar reflexões e ações mais sensíveis a mudanças necessárias no âmbito das relações humanas.

Ao torná-los presentes, reconhecemos nos Jogos Tradicionais uma herança cultural que ainda tem muito a ensinar e talvez possamos reconhecer vozes que nos indiquem familiaridade com o que antes desconhecíamos. O encontro com a diferença implica no reconhecimento da potência da diversidade cultural, na valorização de comunidades originárias, ampliação de repertório expressivo e enriquecimento perceptivo. Ao sermos absorvidos pelo prazer de jogar e pela possibilidade de transitar por diferentes sensibilidades, compartilhamos também um desejo de humanidade.

Ao jogar, entramos neste universo que nos convida a criar raízes e asas, e nunca é “só um jogo”.

REFERÊNCIAS

- ABIB, Pedro R. Jungers; SILVA, Lucas G. Ramos da. “Culturas populares na universidade: uma proposta de educação decolonial”. *História Oral*, v. 23, n. 1, pp. 139-60, 2020.
- BETTI, Mauro; MAFFEI, Willer Soares.; SO, Marcos Roberto; USHINOHAMA, Tatiana Zuardi. “Os saberes da educação física na perspectiva de alunos do ensino fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender”. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, n. 1 v. 1, pp. 155-65, 2015.
- BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>
- _____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>.
- CARVALHO, José Sergio. “Podem a ética e a cidadania ser ensinadas?”. *Pró-Posições*, v. 13, pp.157-68, 2002.
- COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DESAUTELS, Peggy; WAUGH, Joanne (org.). *Feminists Doing Ethics*. Lanham: Rowman and Littlefield, 2001.
- GADAMER, Hans-Georg. *A atualidade do belo: a arte como jogo, símbolo e festa*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.
- HELD, Virginia. “The Ethics of Care”. In: COPP, D. (ed.). *The Oxford Handbook of Ethical Theory*. Nova York: Oxford University Press, 2006, pp. 537-67.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HYLAND, D.A. “‘And That Is the Best Part of Us:’ Human Being and Play”. *Journal of the Philosophy of Sport*, v. 4, n. 1, pp. 36-49, 1977. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00948705.1977.10654126>>.

- IROBI, Esiaba. “O que eles trouxeram consigo: carnaval e persistência da performance estética africana na diáspora”. *Projeto História*, n. 44, pp. 273-93, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/9857/9824>>.
- KRENAK, Ailton. “A potência do sujeito coletivo - Parte II”. Entrevista a Jailson de Souza e Silva. *Revista Periferias*, v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistaperiferias.org/materia/ailton-krenak-a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-ii/>>.
- _____. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.
- _____. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia da Letras, 2020.
- KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1998.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- MARIN, Elizara Carolina; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. (org.). *Jogos tradicionais e educação física escolar: experiências concretas e sedutoras*. V. 16. Curitiba: CRV, 2016.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Vol. 2. São Paulo: EPU, 1974.
- MENESES, Maria Paula. “Corpos de violência, linguagens de resistência: as complexas teias de conhecimentos no Moçambique contemporâneo”. In: _____.; SANTOS, B. S. (org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009, pp. 177-214.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MOOSA, Ebrahim. “Transições no ‘Progresso’ da Civilização: teorização sobre a história, a prática e a tradição”. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, pp. 261-280.
- NÓBREGA, Terezinha Petrucia da (org.). *Estesia: corpo, fenomenologia e movimento*. São Paulo: LiberArs, 2018.
- ONU – Organização das Nações Unidas. *Sport for Development and Peace: Towards Achieving the Millennium Development Goals*. Report from the United Nations Inter-Agency Task Force on Sport for Development and Peace. Nova York: ONU, 2003.
- _____. *Sport and Sustainable Development Goals*. Office on Sport for Development and Peace, 2014. Disponível em: <<https://www.un.org/sport/content/why-sport/sport-and-sustainable-development-goals>>.
- PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional – Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas*. Brasília, 2017.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”.

- In: LANDER, E. (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, pp. 227-78.
- RENSON, Roland. “Salvaguardando a ludodiversidade: o papel de um museu de esportes na promoção e proteção da cultura do movimento”. In: ZIMMERMANN, A. C.; SAURA, S. (org.). *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Laços, 2014, pp.123-50.
- SANTIN, Silvino. *Educação Física: da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: Edições EST/ESEF/UFRGS, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo, a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- SAURA, Soraia; BARREIRA, Cristiano; ZIMMERMANN, Ana Cristina. “Martial Arts: Fundamental Values for Encounter and Reconciliation”. In: PARK S.-Y.; RYU S.-Y. (org.). *Traditional Martial Arts as Intangible Cultural Heritage*. Jeollabuk-do: ICHCAP/ICM, 2020, pp.120-31.
- _____; MATTA, Priscila; ZIMMERMANN, Ana Cristina. “Os jogos tradicionais e o lazer: apontamentos para uma cultura da paz a partir da perspectiva da fenomenologia da imagem e do imaginário”. In: ALMEIDA, R.; HERNANDO PÉREZ, T. (org.). *Cultura da paz e educação latino-americana*. São Paulo: FEUSP, 2018, pp. 163-79.
- _____; ZIMMERMANN, Ana Cristina. “Pesquisas em Jogos Autóctones e Tradicionais, uma perspectiva sociocultural: onde a festa é o jogo”. In: VELÁSQUEZ, M. I. H.; BEDOYA, D. H.; MORENO GÓMEZ, W. (org.). *Juegos y Deportes Autóctonos, Tradicionales y Populares: Conocimiento desde la Acción Lúdica Latinoamericana*. Medellín: Editorial Académica Española, 2018, pp. 39-48.
- _____; _____. “Traditional Sports and Games: Intercultural Dialog, Sustainability and Empowerment”. *Frontiers in Psychology*, v. 11, doc. n. 590301, 2021.
- UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. “International Charter of Traditional Sports and Games”. Relatório interno sob a coordenação de Wojciech Lipiński. CIGEPS Grupo de trabalho “Esporte e Cultura”. Teerã, 16-19 jan. 2009.
- _____. *The power of sports values*. Paris: Unesco, 2016. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000244344/PDF/244344qaa.pdf.multi>>
- ZIMMERMANN, Ana Cristina. “Entre arte e aventura: possibilidades de pensar o corpo e o movimentar-se”. In: SANCHES, J.; ALMEIDA, R. de; SAURA, S. (org.). *Interculturalidade, museu e educação*. São Paulo: Laços, 2013, pp. 37-55.
- _____. “O jogo: sobre encontros e tradições”. In: _____; SAURA, S. (org.). *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Laços, 2014, pp.153-64.

ZIMMERMANN, Ana Cristina; MORGAN, John. “The Possibilities and Consequences of Understanding Play as Dialogue. *Sport, Ethics and Philosophy*, v. 5, pp. 46-62, 2011.

_____; SAURA, Soraia. “Body, Environment and Adventure: Experience and Spatiality”. *Sport, Ethics and Philosophy*, v. 11, pp. 155-68, 2017.

_____; _____. *Jogos Tradicionais*. São Paulo: Laços, 2014.

_____; _____. “Les savoirs oubliés: corps, tradition et l’environnement dans les communautés brésiliennes et latino-américaines”. *Recherches & éducations*, (on-line), jul. 2020. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rechercheseducations/9147>>.